



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14677 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

**CINEMA, ESCOLA E INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO INFANTIL, O MOVIMENTO DO ENSINAR E A FORMAÇÃO DO GOSTO**

Luciana Alves Rodrigues - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**CINEMA, ESCOLA E INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO INFANTIL, O MOVIMENTO DO ENSINAR E A FORMAÇÃO DO GOSTO**

### **Introdução**

O presente estudo expõe o andamento da pesquisa de doutorado intitulada *Cinema, escola e infância: da poética do cotidiano infantil à potência do gesto criativo*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás, da Linha de Pesquisa Cultura e Processos Educacionais. A pesquisa se encontra no 35º mês dos 48 previstos para finalização do curso. Em junho de 2022 o projeto que deu origem a esta pesquisa passou pelo exame do CEP/UFG (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás) para a realização do estudo empírico; recebendo a aprovação em agosto do mesmo ano.

A pesquisa vem sendo desenvolvida, a partir das experiências do cotidiano infantil no ambiente escolar, a fim de compreender as potencialidades do cinema na construção do gosto da criança, conforme o que Jacques Rancière (2002) prioriza como emancipação da inteligência. Para isso oportunizamos o contato da criança com o cinema na escola, mais especificamente com a poética da infância no cinema, por reconhecermos que o formar o gosto da criança se insere no campo das possibilidades e é essencial ao alcance da potência do gesto criativo.

Antes da aprovação pelo CEP/UFG, solicitamos a autorização da Escola Municipal

Cidade Satélite São Luiz da rede pública de ensino da cidade de Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil, em que a pesquisadora deste estudo foi professora, para a realização da pesquisa empírica. A metodologia deste estudo priorizou a realização de oficinas de cinema – para a exibição fílmica e atividades experimentais-audiovisuais – no espaço da Instituição, com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, turno vespertino. A coleta dos dados empíricos ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2022, envolvendo as 30 crianças/estudantes da turma mencionada. Para a pesquisa bibliográfica, estamos nos reportando a alguns autores principais – Alain Bergala (2008); Jacques Rancière (2002); Giorgio Agamben (2017); David Le Breton (2016) e Maurice Merleau-Ponty (1994; 2004) –, no intuito de apreender o cinema, a educação, a infância, a poética, a estética, o gosto e o gosto, partindo da possibilidade de um diálogo com a perspectiva fenomenológica.

Intencionamos partir da fenomenologia como trajetória de pesquisa por compreendermos ser uma perspectiva que considera que, qualquer que seja a averiguação a ser realizada, necessita-se suscitar do mundo percebido, do mundo palpável, tal qual nos apresenta. Logo, o trabalho nas oficinas ocorreu em um ambiente de troca e de contato com a arte cinematográfica, no espaço escolar. A análise dos dados coletados durante a realização das oficinas estão sendo descritos a partir da interpretação das gravações das narrativas entre pesquisadora e crianças, das anotações realizadas no diário de campo e dos registros fotográficos e audiovisuais capturados. Neste momento da pesquisa concluímos a elaboração do 2º capítulo da Tese.

### **O cinema, o movimento do ensinar e a formação do gosto**

A fim de desenvolvermos a hipótese suscitada nesta pesquisa, a qual considera o cinema, com qualidade estética e poética, um componente significativo para a possível formação do gosto infantil, iniciamos a elaboração da Tese com o estudo sobre o cinema, percorrendo sua trajetória histórica, com ênfase no seu contexto contemporâneo. Verificamos que no decorrer dos mais de 100 anos de história o cinema passou por muitas transformações, inclusive sua extinção foi anunciada e muitas vezes declarada por muitos autores. Na atualidade o cinema vive uma nova adversidade – a crise de identidade na era digital. Esta crise diz respeito as várias formas de se assistir um filme, o que leva a problemáticas relacionadas ao tempo e espaço, pois assistir um filme, nos dias atuais, além de evocar os inúmeros tipos de tela, conjura a consequente profusão do tempo, isto é, a probabilidade de se assistir quando e onde quiser.

Para a construção do estudo sobre o cinema digital, convocamos a pesquisa de Thomas Elsaesser (2018), sobre a arqueologia cinematográfica. O autor ressalta, que o digital inaugura um cinema que perpassa não apenas o visual, mas todos os nossos sentidos e talvez por isso permita enxergar o cinema como objeto teórico e como parte de uma outra arqueologia. Esta concepção nos mostra que o cinema não corresponde, unicamente, uma forma narrativa de montagem, mas enquanto aparato de imagens em movimento visuais, pode compor outros espaços de projeção. Podemos aferir, nesse interim, que a tecnologia

digital facilita o acesso a novos aparelhos tecnológicos, o que amplia a possibilidade de inserir no ambiente escolar outros instrumentos como celulares ou tablets, além da Tv, computador e retroprojeto, favorecendo assim a apreciação de obras filmicas e o manuseio das mídias contemporâneas, o que pode contribuir significativamente com o processo de criação, imaginação e produção de novas imagens no contexto ensino-aprendizagem, assim como na formação do gosto.

Nessa conjuntura, percebemos ainda a importância do estudo sobre o corpo em Merleau-Ponty e David Le Breton – ao priorizar a percepção e a sensação corpórea como fundamentais na aprendizagem. Estes conceitos principais foram relacionados a perspectiva que nos autorizamos nomear como *Movimento do ensinar*. Esta perspectiva esteve permeada no desenvolvimento da pesquisa empírica ao levar em conta o compartilhamento de experiências nos espaços selecionados para as oficinas no ambiente escolar. O *Movimento do ensinar* vai de encontro com os estudos de Jaques Rancère, ao defender que um mestre pode ser capaz de ensinar o que ignora, pode abrir espaço para que mestre e aprendentes possam se sentir capazes de aprender; aprender com o experienciar do gesto de si, em encontro com o gesto do outro.

O *Movimento do ensinar* ao se propor a formação do gosto, o insere numa aprendizagem que parte do gesto, da *mimesis*, mas que permite a transformação daquilo que é apreendido; uma aprendizagem que não requer especialização/propriedade para a experimentação e produção da arte, pois concebe a arte como parte da vida, como estética da vida, que permeia espaços outros: sociais, comunitários e escolares. A poesia do gesto surgiu no apreciar, no recontar o enredo visualizado nos filmes, no planejar o roteiro para a construção das releituras (atividades propostas nas oficinas) e principalmente no momento do fazer, do reelaborar. As crianças experienciaram a arte do criar e do inventar problemas, assim como recriar imagens e roteiros, filmar, se ver no próprio filme, e no próprio brincar.

Percebemos ainda que o gosto, assim como nos pontua Giorgio Agamben, tem um lugar privilegiado no campo de um “outro saber” – no limiar entre conhecimento e prazer. Neste sentido, a percepção e a sensação corpórea, defendidas por Merleau-Ponty e David Le Breton, nos permitiu apoiar-nos num elemento essencial – o movimento. Logo, o movimento corporal pôde acessar o gosto, pôde permitir o formar o gosto.

Foi interessante observar que as atividades práticas, em sua maioria, abrangeram o corpo como fundamental no processo. O corpo infantil, nesse interim, não se inseriu apenas como instrumento do fazer, mas como encontro, como sensação, como re-criação. A seguir temos algumas imagens do fazer cinema no ambiente escolar.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

As figuras de 1 a 4 demonstram alguns momentos de apreciação fílmica, planejamento, criação de roteiros, compartilhamento de saberes, recriação de imagens, imaginação e invenção. São imagens que foram registradas pela professora/pesquisadora deste estudo.



Figura 5



Figura 6



Figura 7





Figura 8



Figura 9



PIC•COLLAGE

Figura 10

As figuras de 5 a 10 são edições realizada pela professora/pesquisadora a partir de imagens capturadas do filme apreciado (Lila, de Carlos Lascano) e das imagens capturadas pelas próprias crianças no momento da realização da atividade. A nosso ver, são imagens fílmicas misturadas com imagens de infâncias, prontas para serem elas mesmas: crianças, potências, brincantes.

### Considerações finais

O movimento em prol do ensinar, que defendemos, não se pretende torna-se metodologia, mas sim priorizar um movimento dinâmico que envolve diálogo, gesto de criação e experiência estética. São variáveis que visam a aprendizagem da invenção e do gosto primoroso, que permite o encontro com a arte e ocupa-se com o mestre que assume, conforme Jaques Rancière (2002), a igualdade das inteligências, que não determina uma distância entre si e o aprendente, compreendendo que será sempre um aprendente e não apenas aquele que ensina nessa relação; compreendendo ainda que o formar o gosto requer tempo e memória, como ressalta Alain Bergala (2008).

As imagens das atividades nas oficinas, aqui destacadas, ilustram parte de um

processo de troca em que a professora/pesquisadora buscou orientar e mediar as vivências. As crianças com seus pares, livres para imaginar e criar, iniciaram com a brincadeira, se soltaram, se entregaram. A professora em alguns momentos se incomodava com a movimentação das crianças, algumas vezes tentava conter a agitação, mas logo constatava que as crianças reconheciam a tarefa, queriam concluí-la, queriam investir nela, e assim surpreendiam a mestra.

**Palavras-chave:** Cinema. Escola. Infância. Movimento do ensinar. Gosto.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Gosto**. Tradução, posfácio e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead-lise - FE/UFRJ, 2008.

ELSAESSER, Thomas. **Cinema como arqueologia das mídias**. Organização de Adilson Mendes. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LILA. Direção: Carlos Lascano. Argentina, 2013. 9 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUy6WJL7wV8>. Acesso em: 23 abril 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

